

APRESENTAÇÃO

Ana Elisa de Castro **Freitas**¹

Devo ao desassossego provocado pela ideia de *imagem em movimento* - pulsante no pensamento de Aby Warburg – o estímulo para a organização deste dossiê da revista *Illuminuras*. Igualmente potente, a ideia de *imagem dialética* de Walter Benjamin é fonte que fertiliza as inquietações motivadoras desse propósito: imagem crítica que como um *clarão* retém o *Outro* no *Agora* cognoscível, promovendo deslocamentos explosivos que arrancam os objetos históricos de suas linhas de continuidade, lançando-os em constelações, amplificando os horizontes interpretativos, potencializando outros arranjos narrativos.

Enlaçadas, essas duas imagens-ideias inspiram a tessitura de uma constelação de estudos bastante diversos entre si, mas que compartilham do esforço de promover um diálogo entre imagem e história, memória, técnica, magia, política, cultura, território, arte e assim contribuir para a abertura de outras vias à abordagem antropológica de fenômenos complexos, contemporâneos e plurais.

Aderente a essa perspectiva crítica, que reconhece na imagem força pujante para desestabilização da história, a proposição do dossiê *Imagem e descolonização: imaginários plurais em movimento – Parte I* busca pôr em evidência formulações metodológicas que possibilitem uma aproximação dos estudos da imagem com os estudos *decoloniais* ou *descoloniais*, especialmente as perspectivas aportadas por Aníbal Quijano e Walter D. Mignolo mas antecedidas por Rodolfo Kusch e Guillermo Bonfil Batalla.

Imbuída da tarefa de elaborar uma crítica à narrativa monológica da modernidade, a mirada decolonial projeta-se sobretudo a partir da América Latina e Caribe assumindo que modernidade e colonialismo forjam-se mutuamente e encontram sobrevivência nas forças ideias positivas de *progresso, desenvolvimento, projeto, raça, nação*, etc. Tais forças ideias agenciam a produção e disseminação de imaginários ancorados no estigma e na subalternação de uma diversidade de experiências humanas, na objetificação e apropriação de modos de saber, ser e viver no mundo, reduzindo as capacidades interpretativas das realidades socioambientais.

¹ Universidade Federal do Paraná, Brasil.

Motivada pela fertilidade promissora desse encontro – entre imagem e descolonização – a constelação deste dossiê reúne estudos voltados a análise de processos de produção e circulação de imagens em sociedades plurais, aportando metodologias sensíveis às abordagens interculturais, heterológicas e interdisciplinares, capazes de mobilizar deslocamentos epistemológicos em diferentes escalas.

Emprestando sua voz a “Las historias que contamos”, Fernanda Soto Joya mergulha no cotidiano rural de Siuna, Nicarágua, e mobiliza imagens da Revolução Sandinista presentes nas memórias narradas por seus habitantes. A autora sustenta que as memórias são imagens do passado que simultaneamente idealizam e desfamiliarizam uma época. Postas em movimento, no fluxo narrativo, as imagens da memória amplificam a compreensão da história vivida, incidindo sobre o entendimento do passado e a possibilidade de viver no presente, fazendo do ato narrativo uma “prática descolonizadora”. Sensível às inquietações de seus interlocutores, Fernanda lança a questão: “¿El narrar la memoria contribuye en la tarea de reconstituir los hilos subjetivos y los vínculos colectivos después de una guerra?”.

Na sequência, debruçada sobre “Imagens construtoras de nação: Rugendas e seus desenhos sobre indígenas no Brasil e na Argentina”, Andrea Roca interpreta as litografias do álbum *Viagem Pitoresca através do Brasil* e as ilustrações do poema *La Cautiva* como “produtos coloniais”. Ultrapassando a leitura de exotismo, a autora busca compreender os discursos visuais de Rugendas para além da ciência e da arte, ingressando no campo da imaginação colonial e suas dinâmicas de produção. Andrea sustenta que “os contextos e as redes sociais do artista lhe deram a oportunidade de ‘ver’ o que se ‘podia’ pintar”, aportando uma instigante chave para a análise de políticas visuais, alicerçada na investigação do trabalho social das imagens e suas penetrantes e duradouras consequências políticas.

O artigo de Daniel Granada intitula-se “La fabrication de la capoeira de Londres: Mestre Sylvia et le LSC”. Seguindo as pegadas de Mestre Sylvia, o autor analisa a transnacionalização da capoeira a Londres e os desdobramentos identitários presentes na fundação da London School of Capoeira. A realocação de uma prática de matriz afro-brasileira identificada com o universo masculino para um contexto anglo-saxão é enriquecida com a perspectiva de gênero: as entrevistas revelam reprodução e inovação na capoeira praticada por Mestre Sylvia, interferida pela experiência de ser mulher e

mãe. A observação participante amplia o cotidiano de Sylvia a outras personagens, cuja abordagem é qualificada pelos aportes da etnografia multisituada e da etnografia virtual.

“Tambor, a comunicação ancestral: imagens, estéticas e rupturas epistemológicas em uma comunidade terrestre” é o quarto artigo deste número temático e o primeiro de uma sequência de duas pesquisas compartilhadas. Fruto do diálogo entre o antropólogo Olavo Ramalho Marques e a *egbomi* Nina Fola - também iniciada nas ciências sociais – a etnografia é sensível às potentes imagens sonoras liberadas pelo toque do *Ngoma*/tambor no *Ilê*/terreiro. Presente em diversas manifestações de matriz africana, o tambor assume na festa R’Gongo, nos altos da Vila São José, cidade de Porto Alegre, uma missão especial: homenagear e fazer presente Vovô Cipriano de Angola, “entidade da umbanda que simboliza o espírito de um negro escravizado e muito velho”. Rupturas e continuidades na matriz afro em diáspora são abordadas pelos autores, ao som do tambor e dos ensinamentos de Vovô.

Na sequência de pesquisas compartilhadas, “Diálogo de mulheres de fronteira no contexto da Universidade Popular dos Movimentos Sociais: novas metodologias e agendas” resulta da co-autoria da cientista política Vanessa Marx com a feminista uruguaia Lilian Celiberti. As autoras aportam a “metodologia da troca de saberes entre o acadêmico e o popular” na qual “intelectuais e ativistas se dispõem a pensar em novos espaços e arenas de diálogo para reformar e fortalecer alianças e interações”. O texto reverbera as agendas políticas enunciadas por mulheres reunidas na fronteira Brasil-Uruguai e investe no reconhecimento de um feminino plural, seus múltiplos lugares de enunciação, dores e marcas. As autoras sustentam que “avançar em novas concepções supõe traçar um caminho de rupturas teóricas, descolonizações e questionamentos simultâneos ao etnocentrismo, ao patriarcado e a heteronormatividade”.

O *giro decolonial* ganha força com o artigo do jornalista Osias Awá-Mboparadjú Guarani Ramos Sampaio, intitulado “A universidade como área de influência, no olhar de um Guarani”. O texto é versão revisada e acrescida de resumo bilíngue de publicação originalmente apresentada nos anais do II Encontro de Educação Indígena do Paraná, e propõe que a presença de jovens indígenas no ensino superior estende a influência das territorialidades originárias à universidade. O fio condutor da narrativa é a própria trajetória do autor em deslocamento entre a terra indígena Laranjinha, o município de Santa Amélia e a Universidade Estadual de Londrina, no norte do Paraná. Osias lança mão de categorias do pensamento Guarani para refletir sobre a condição indígena

urbana e as tensões identitárias, sociopolíticas e culturais que ela envolve. O ideal de justiça é reposicionado para encontrar efetivação no reconhecimento da alteridade ameríndia e na superação dos limites impostos pelas identidades coloniais.

A vida indígena no urbano é também o tema de “A *intenção* Pankararu: a ‘dança dos praiás’ como tradução intercultural na cidade de São Paulo”, instigante artigo de Marcos Albuquerque. O autor percorre as margens do rio Pinheiros, favela do Real Parque, para encontrar os Pankararu “germinando” as “sementes” de sua indianidade: pela via da arte, rebrotam em “frondosas árvores” se contrapondo às categorias do *poder tutelar* reiteradas na metrópole. Albuquerque elege uma via crítica, analisando a dimensão histórica da *intenção* Pankararu ao deslocar a “dança dos praiás” dos *terreiros* em Pernambuco para a arena política da cidade de São Paulo, onde é performatizada em versão heterodoxa. A dança é então instrumento simbólico, colaborando no ingresso indígena no *campo do poder* urbano. O esforço de *tradução intercultural* revela a *agência* Pankararu frente a projetos políticos e culturais abrangentes.

Maria Hormiga e Doris Sayago nos deslocam ao maciço colombiano com seu instigante artigo “Olhando o passado, construindo o futuro: a segurança alimentar no Resguardo Indígena Guachicono, Colômbia”. O estudo contribui à análise crítica da segurança alimentar para o caso latino-americano, focalizando em perspectiva histórica-antropológica as mudanças vivenciadas pelo povo Yanacona. A metodologia abrange entrevistas semiestruturadas, mapas mentais, grupos focais e observação participante resultando num quadro bastante completo da luta Yanacona e dos entraves enfrentados no caminho da soberania alimentar. Guerrilha armada, agrotóxicos e cultivo ilícito revelam as dimensões ecológicas da resistência Yanacona no Resguardo Guachicono.

O instigante artigo de Damiana Jaenisch intitula-se “Poéticas e políticas da relação: apontamentos a partir da ação de Ailton Krenak na Assembleia Constituinte e seu deslocamento para espaços de arte contemporânea”. A autora mobiliza imagens presentes nas falas-ações de Ailton Krenak fertilizando o diálogo entre antropologia e arte e abordando dramas estéticos e sociais em suas dimensões poéticas e políticas. “A mágica de um rio que mergulha” - quando seu lugar não lhe corresponde mais – espelha a potência do *clarão* dialético das imagens acionadas por Krenak, exigindo novos paradigmas de pensamento e existência, orientados por “uma ética que leve em conta a vida de humanos e não-humanos”: uma “arte da existência”, uma “poética da relação”.

Com “De Shirley a Sheila: Apontamentos para uma descolonização do jornalismo a partir da imagem”, Anelise de Carli aproxima a perspectiva pós-colonial da teoria da imagem e dos estudos do jornalismo. A partir de uma fotografia amplamente divulgada pela imprensa brasileira, a autora tece considerações sobre epistemologia e colonialidade, apontando possíveis imbricações entre o desenvolvimento da ciência e da tecnologia, a construção de imaginários sociais e raciais e os códigos jornalísticos. Nesse jogo, técnica, poder e imagem são postos em instigante movimento.

Mergulhando nas águas da imagem, Mariana de Lima e Silva e Alan de Oliveira encontram as ruas e terreiros de Salvador em “Uma fotografia do sutil: a arte religiosa de Mario Cravo Neto”. Um artigo sensível sobre a obra do fotógrafo baiano, cuja fluência linguística é convite sutil para uma aproximação com o sistema religioso do candomblé. Os autores trazem cinco belíssimas fotografias de Cravo Neto, traçando perspectiva história de sua arte com a obra de Pierre Verger e resgatando uma linhagem de construtores materiais da identidade artística e urbana da cidade de Salvador.

“Arquitetura Mbyá-Guarani em área de Mata Atlântica: tipologia arquitetônica da casa de xaxim do *Tekoá Nhiiu Porã* – Maquiné/ RS”, artigo de fôlego de Letícia Prudente, nos aproxima dos modos de viver e morar dos povos da floresta, posicionando a casa de xaxim como via de resistência aos modelos ocidentais de desenvolvimento. A metodologia aporta referenciais da arquitetura, antropologia e ecologia, investindo na imagem como ponto de encontro: 21 figuras abrem instigantes chaves de leitura.

Claudia Ribeiro nos surpreende no encontro com “Jonathas de Andrade: arte tecendo memórias na interface rural-urbano brasileira”. Paisagem e imagem são postas em movimento em “O Peixe”, obra artística apresentada na 32ª. Bienal de São Paulo e inspirada no cotidiano de pescadores artesanais do nordeste brasileiro. A perspectiva dialógica da autora instiga a uma aproximação entre ciências sociais e arte.

A seguir, Diogo Dubiela relata a rica experiência de produção da “Instalação etnográfica *As Mulheres e a Fibra*: um diálogo entre Antropologia e Arte”. O inteligível e o sensível se encontram na prática da montagem compartilhada da instalação, aproximando os sujeitos da pesquisa e os campos da antropologia e da arte.

A resenha de “Cultura pela Palavra”, de Eduardo Harder, resgata o pensamento-ação de Gilberto Gil e Juca Ferreira no período em que estiveram à frente do Ministério da Cultura no Brasil. Um pensamento rico em imagens estabeleceu novos conceitos e canais de comunicação para as políticas culturais, colaborando para visibilizar a pluralidade de alteridades que compõem a vida brasileira.

Para fechar com chave de ouro, trazemos o ensaio fotográfico “*Jaexá va’e jo hete re – ‘O corpo que enxergamos’*”, da artista e antropóloga Sophia Pinheiro. Uma narrativa de três inquietantes fotografias, interferidas em aquarela e giz pastel seco e oleoso, revelam o encontro de dois femininos artísticos e plurais através das imagens - da autora com a cineasta *Mbyá-Guarani* Patrícia Ferreira *Pará Yxapy*.

Ao finalizar a organização desse primeiro número do dossiê, quero agradecer a Cornélia Eckert pelo convite e ao competente trabalho editorial de Camila Aveline.